

Síndrome mais rara em vacinados

Estudo com crianças e jovens mostra que a MIS-C, uma doença inflamatória potencialmente letal, ocorreu à taxa de 0,3 caso por 1 milhão entre os imunizados. A complicação pediátrica é associada à infecção pelo coronavírus

Os casos relatados de síndrome inflamatória multissistêmica (MIS-C) em crianças e adolescentes que receberam pelo menos uma dose de vacina para covid-19 foram raros — estimados em uma ocorrência por 1 milhão de pessoas imunizadas nesta faixa etária. Já a taxa de notificação de infecções assintomáticas por Sars-CoV-2 foi de 0,3 por 1 milhão de vacinados, com idades entre 12 e 20 anos, de acordo com um estudo observacional publicado na revista *The Lancet Child & Adolescent Health*.

A pesquisa norte-americana descobriu que a taxa de MIS-C em crianças e adolescentes é substancialmente menor do que as estimativas publicadas anteriormente e relativas a pessoas desta faixa etária que não foram vacinadas. O período de estudo foi de abril a junho de 2020.

A MIS-C, também conhecida como síndrome inflamatória multissistêmica pediátrica, é uma condição rara associada à infecção por Sars-CoV-2, que foi reconhecida pela primeira vez em abril de 2020. Acredita-se que se trate de uma reação imunológica exagerada, que ocorre aproximadamente entre duas e seis semanas após o contágio pelo coronavírus em crianças e adolescentes. Os sintomas incluem febre, erupção cutânea, vermelhidão nos olhos e condições gastrointestinais (por exemplo, diarreia, dor de estômago e náusea) e podem levar à falência de múltiplos órgãos.

Segurança

“Como parte do esforço abrangente para monitorar a segurança da vacina, o CDC tem monitorado de perto os casos de MIS-C em crianças vacinadas”, explica Anna R. Yousaf, pesquisadora dos Centros para Controle e Prevenção de Doenças dos EUA. “Nossos resultados sugerem que os casos são raros e que a probabilidade de desenvolver a síndrome é muito maior em crianças que não são vacinadas e contraem covid-19.”

O estudo investigou relatos de MIS-C em crianças e adolescentes de 12 a 20 anos ocorridos durante os primeiros nove meses da implementação da vacinação nos EUA (14 de dezembro de 2020 a 31 de agosto de 2021). Uma equipe de médicos especialistas e epidemiologistas examinou 47 casos suspeitos registrados em pessoas da faixa etária analisada, a qualquer momento após uma dose de vacina para covid.

Destes, 21 se enquadram nos critérios de MIS-C estabelecidos pelo CDC. Em seguida, os pesquisadores separaram esses casos em dois grupos: com ou sem evidência de uma infecção passada ou por Sars-CoV-2, detectada em testes de laboratório. Eles, então, calcularam as taxas de notificação usando dados de vigilância nacional de vacinas do CDC sobre o número de indivíduos entre 12 e 20 anos nos EUA que receberam uma ou mais doses da vacina.

Os cientistas descobriram que, dos 21, 15 tinham evidências de infecção passada ou

Carlos Vieira/CB



Meninas defendem a imunização: cientistas não encontraram relação entre a substância e o risco de MIS-C

recente por Sars-CoV-2, enquanto seis não. Como mais de 21 milhões de crianças e adolescentes receberam uma ou mais doses da vacina nos EUA, a taxa de notificação da síndrome foi de 1 caso por 1 milhão de indivíduos vacinados, sendo que, após a exclusão de pacientes que haviam sido infectados previamente pelo coronavírus, esse índice caiu para 0,3 por 1 milhão.

Os autores enfatizam, ainda, que, mesmo nesses casos raros, não se pode determinar se a vacinação contribuiu para o desenvolvimento da síndrome. Como a MIS-C foi identificada pela primeira vez durante a pandemia, não existe nenhuma taxa de base pediátrica, com causa

não identificada, para estimar um número de referência, independentemente da infecção por covid-19 ou vacinação. É possível que algumas das ocorrências identificadas tenham outras condições inflamatórias não reconhecidas que, coincidentemente, ocorreram após a imunização.

Teste

Dos 15 indivíduos com infecção anterior por Sars-CoV-2, três foram diagnosticados com MIS-C fora do período típico de duas a seis semanas (1442 dias), quando a doença subsequentemente é mais provável de ocorrer. O início da síndrome se deu,

respectivamente, 105, 191 e 238 dias após o teste positivo para o coronavírus.

Os 21 pacientes de MIS-C foram hospitalizados, sendo 12 internados em unidade de terapia intensiva (UTI) e todos receberam alta hospitalar. A idade mediana foi de 16 anos; 13 eram do sexo masculino e oito do feminino.

Todos os indivíduos com MIS-C no estudo receberam a vacina Pfizer-BioNTech, a única autorizada nos EUA para uso em menores de 18 anos durante o período do estudo. Onze tomaram uma única dose, e 10 foram imunizados também com reforço antes do início da síndrome. O tempo médio da imunização até a internação foi de oito dias para

aqueles do primeiro grupo e de cinco para o segundo. “Os médicos e pesquisadores ainda estão aprendendo sobre a MIS-C. Nossa investigação destaca os desafios no diagnóstico da síndrome, a importância de considerar diagnósticos alternativos e a necessidade de monitorar a doença MIS-C”, diz Yousaf.

Os autores observam algumas limitações adicionais do estudo. É possível que alguns dos casos de MIS-C identificados tenham outra doença inflamatória com sintomas semelhantes, pois não há teste definitivo para o diagnóstico da síndrome. Dado que os testes de laboratório para covid-19, incluindo de anticorpos, são imperfeitos, também há chance de alguns relatos terem sido classificados incorretamente.

As crianças, geralmente, apresentam infecção leve ou assintomática, que podem gerar menos anticorpos, os quais podem, inclusive, resultar de contágios anteriores não detectados. Também é possível que nem todos os casos de MIS-C após a vacinação tenham sido notificados no sistema de vigilância, potencialmente levando à subnotificação. “As descobertas do estudo, em geral, são bastante tranquilizadoras. Relatos de MIS-C após a vacinação ocorreram em apenas 1 por milhão de indivíduos com idades entre 12 e 20 anos que receberam uma ou mais doses da vacina, e 15 (71%) de 21 pessoas com a síndrome tiveram exames laboratoriais com evidência de infecção antecedente por Sars-CoV-2, lançando dúvidas sobre a atribuição (à vacina)”, comentou Mary Beth Son, pediatra do Hospital Infantil de Boston, EUA, que não esteve envolvida na pesquisa.

Astrazeneca: baixo risco de trombose

O risco de eventos de trombose intracraniana após a vacinação com a vacina AstraZeneca (ChAdOx1-S)w é “ligeiramente elevado”, de acordo com dois estudos publicados ontem na *Plos Medicine*. O primeiro artigo, de William Whiteley, da Universidade de Edimburgo, analisa os registros eletrônicos de saúde de 46 milhões de adultos na Inglaterra. O segundo, de Steven Kerr, também da Universidade de Edimburgo, usou um conjunto de dados de 11 milhões de adultos do Reino Unido.

Casos de trombose — quando um coágulo sanguíneo bloqueia uma veia ou artéria — foram relatados após a vacinação com a ChAdOx1-S. No entanto, as taxas de eventos venosos e arteriais

comuns, incluindo acidente vascular cerebral, infarto do miocárdio, trombose venosa profunda e embolia pulmonar, são difíceis de medir com base apenas em relatos do tipo.

No primeiro estudo, Whiteley e colegas analisaram os registros de 46 milhões de adultos que vivem na Inglaterra, dos quais 21 milhões foram vacinados durante a investigação, de dezembro de 2020 a março de 2021. Para pessoas com 70 anos ou mais, os riscos de eventos trombóticos arteriais e venosos foram ligeiramente menores nos 28 dias após a imunização com a substância da Pfizer (BNT162b2) ou com ChAdOx1-S.

Já naqueles com menos de 70

anos, um pequeno aumento na taxa de trombose venosa intracraniana (TVIC) foi observado após a vacina ChAdOx1-S. Isso correspondeu a um excesso de risco estimado de 0,9 a 3 casos por milhão (variando por idade e sexo), correspondendo ao dobro da taxa, em comparação com pessoas não imunizadas. O mesmo efeito não foi observado após a BNT162b2.

Coágulo cerebral

No segundo estudo, os pesquisadores vincularam dados de dezembro de 2020 a junho de 2021 de várias fontes — incluindo cuidados primários, secundários, mortalidade e testes

SANJAY KANOJIA



viroológicos — para mais de 11 milhões de pessoas na Inglaterra, Escócia e País de Gales. Eles compararam a taxa de trombose do seio venoso cerebral (TSVC),

um tipo raro de coágulo sanguíneo no cérebro, nos 90 dias anteriores à vacinação e nas quatro semanas após a primeira dose de ChAdOx1-S ou BNT162b2.

Dois pesquisas atestaram que eventos adversos são pouco comuns após a proteção com a ChAdOx1-S

Os autores observaram um pequeno risco elevado de eventos do tipo após a vacinação com a ChAdOx1-S, equivalente a uma ocorrência adicional por 4 milhões de pessoas vacinadas. O estudo não encontrou associação entre a BNT162b2 e a TSVC. “Essa evidência pode ser útil em avaliações de risco-benefício para políticas relacionadas a vacinas e para fornecer quantificação de riscos associados à vacinação para o público em geral”, dizem os autores.

MEIO AMBIENTE



Sujeira na praia: mais de 90% do material não é reaproveitado e pode acabar na natureza

OCDE quer redução de plástico

Menos de 10% do plástico produzido no mundo é reciclado, advertiu ontem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), pedindo uma resposta “mundial e coordenada”, a uma semana de uma conferência das Nações Unidas que pode abrir as portas para um tratado internacional contra esse tipo de poluição. Dos 460 milhões de toneladas do material produzido em 2019 no mundo, 353 milhões acabaram como resíduos, segundo um relatório do órgão.

“Apenas 9% dos resíduos plásticos foram reciclados, enquanto 19% foram incinerados e cerca de 50% acabaram em aterros controlados. Os 22% restantes foram abandonados em aterros ilegais, queimados, ou abandonados no meio da natureza”, diz um trecho da publicação *Perspectivas Mundiais do Plástico*. A pandemia de covid-19 provocou uma leve queda no consumo do insumo (-2,2%) em 2020, mas aumentou o uso de descartáveis. E essa tendência

vai apenas piorar com a recuperação econômica, diz a OCDE.

Efeito estufa

Além disso, a produção de plástico representou 3,4% das emissões de gases de efeito estufa em 2019. “É essencial que os países respondam mediante soluções mundiais e coordenadas”, convocou o secretário-geral da OCDE, Mathias Cormann. As medidas, segundo ele, devem incluir o desenvolvimento do mercado do

material reciclado, impor cotas mínimas de reutilização e melhorar a inovação tecnológica.

O investimento mínimo para criar os circuitos de gestão e de reciclagem de plástico nos países de renda baixa e média renda é estimado em cerca de US\$ 28 bilhões por ano, estima o texto. Na próxima semana, começa em Nairóbi a Assembleia da ONU para o Meio Ambiente. Nela, devem ter início, oficialmente, as negociações para um futuro tratado internacional sobre os plásticos.